

+ ECONOMIA

Marta Sfredo INTERINA
marta.sfredo@zerohora.com.br

Com Louise Bragado louise.bragado@zerohora.com.br 3218-4757

MERCADO NÃO QUER SABER DE MARGEM DE ERRO

Pela reação da bolsa e da cotação do dólar ontem, o mercado financeiro no Brasil não confia muito em margem de erro. O dia nervoso, durante o qual o dólar chegou a ser negociado a R\$ 2,50, para fechar um pouco abaixo disso, garantem analistas, foi consequência direta dos resultados das pesquisas que mostraram pela primeira vez no segundo turno a candidata à reeleição Dilma Rousseff (PT) à frente de Aécio Neves (PSDB).

O já famoso "kit eleição" – grupo de ações formado por estatais e bancos, mais

sensíveis à ingerência da administração pública – foi novamente o que mais sentiu o impacto. No fechamento, a queda não chegou à profundidade do dia seguinte ao primeiro turno, quando houve um tombo de quase 5%. Mas em dois dias, a bolsa acumula perda de quase 6%.

E desta vez, nem sopros vindos de fora ajudaram a entortar o humor. Na madrugada, foi divulgado o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) da China no terceiro trimestre, de "apenas" 7,3%. Foi o resultado mais baixo em cinco anos, desde o início de 2009, mas veio acima do esperado.

Esboçada já em março, a especulação eleitoral se acentuou nas últimas semanas. Pesquisa realizada pela XP Investimentos ainda em agosto mostrava que, pelas estimativas médias das empresas de gestão de ativos, uma vitória de Aécio levaria o principal indicador da bolsa de São Paulo, o Ibovespa, a 65,9 mil pontos. Uma reeleição de Dilma o faria murchar para a faixa de 44,7 mil pontos. Muita gente deixaria de ganhar dinheiro, mas é bom lembrar que a bolsa rodou na faixa dos 40 mil pontos durante boa parte de 2013.

E até no início deste ano.

A real batalha virá depois da eleição, para qualquer um dos eleitos. Todo analista de boa-fé sabe que o Brasil melhorou muito nos últimos anos. E também que muitos erros evitáveis foram cometidos, independentemente do viés pelo qual vê a economia – mais ou menos intervencionista. Há correções de rumo a fazer. Uma das principais é recuperar o nível de confiança na economia, severamente abalado ao longo de 2014. A forma de se comunicar, com o mercado financeiro e com toda a estrutura econômica, será fundamental não para o futuro, não do eleito, mas do país.

E O EMPREGO DO PRESIDENTE?

Com o controle arrematado pela espanhola Telefónica há um mês, a GVT mantém seu plano de investir no país cerca de R\$ 2 bilhões ao ano – R\$ 70 milhões dos quais no Rio Grande do Sul. Até que o negócio seja autorizado pela Anatel e pelo Conselho Administrativo de Direito Econômico, tudo tem de se manter como se nada tivesse acontecido.

Não quer dizer que o clima na empresa seja esse. Em Porto Alegre ontem para a retomada do circuito de executivos da empresa pelo país, Heloísa Genish, diretora de sustentabilidade social e cultural – e mulher do presidente da empresa, Amos Genish –, contou divertida uma história da transição. No call center, uma funcionária disse a um cliente que não estava preocupada com seu emprego, porque há muitas vagas. Só se inquietava com o fato de que não há tantas para presidentes de empresa.

Fabiano Ferreira, vice-presidente de vendas, disse que a GVT tem interesse em ampliar os serviços no Estado – hoje disponível em apenas 24 cidades. Fez duas menções que podem dar pistas: a empresa ainda não está na região das Missões e na zona sul de Porto Alegre.

R\$ 4,5 milhões

foi o faturamento total dos estabelecimentos que participaram da sexta edição da Porto Alegre Restaurant Week. O evento, que reuniu 30 restaurantes da Capital, terminou no último dia 12 com público de 60 mil pessoas. O ticket médio foi de R\$ 75 por cliente.

ATRÁS DE NOVOS VOOS

Há três anos em recuperação judicial, a gaúcha Aeromot tenta atrair investimentos para retomar a produção. A empresa responsável pela fabricação do Ximango PT-ZAM – primeiro motoplanador a fazer a volta ao mundo, há 12 anos – hoje opera com apenas 10 funcionários onde já trabalharam cem. As atividades da Aeromot estão reduzidas à venda de peças do antigo estoque e trabalhos pontuais para companhias terceirizadas, muitas delas de ex-funcionários que saíram da empresa devido aos problemas financeiros.

O presidente da empresa, Claudio Barreto Viana, relata que não pode aceitar pedidos do Exterior porque não conta com funcionários o suficiente. Por outro lado, não pode recontratá-los sem garantias de outras encomendas.

– Há vários investidores que gostariam de entrar na Aeromot, mas a empresa precisa de um plano para voltar a produzir, e é essencial uma encomenda que lhe permita restabelecer quadro adequado de pessoal.

LIBERADAS OBRAS NO SUL

Após a emissão da licença de instalação (LI) pela Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam), na segunda-feira, as obras do Parque Eólico Hermenegildo, em Santa Vitória do Palmar e Chui, devem se iniciar até o final da semana. O empreendimento acrescentará 181 megawatts (MW) ao complexo eólico Campos Neutrais, que reúne ainda os parques Geribatu (258 MW) e Chui (144 MW).

O novo parque deve receber R\$ 900 milhões do aporte total de R\$ 2,7 bilhões no complexo.



Temos o fundamental: instalações, manuais e o pessoal-chave que ainda está conosco – diz Viana.

No sábado, Viana estará no Museu da Tam, em São Carlos (SP), para participar da cerimônia de abertura da exposição do Ximango PT-ZAM. Também estará presente o suíço naturalizado brasileiro Gérard Moss, piloto da volta ao mundo, que passou por países como Venezuela, China, Arábia Saudita, Rússia, Japão, Índia, Paquistão, Etiópia, Suíça (foto), Marrocos, Inglaterra, Itália, Vietnã, entre outros.

DILBERT - SCOTT ADAMS

